

MAIO DE 68

O ano de 1968, como escreveu Maria Rita Kehl, começou esperançoso, mas terminou melancolicamente – para o Brasil. Eu era um secundarista imberbe e cheio de acne do Instituto Estadual de Educação Torquato Caleiro, o IETC, tradicional escola pública da elite de Franca à época. Fazia o segundo ano do curso científico e já tinha decidido que gostaria de ser arquiteto. As aulas começaram e tirei boas notas no primeiro bimestre, até que chegou o mês das noivas. Não foi um maio frio, ao contrário, fazia certo calor durante o dia, mas lembro que as manhãs eram geladas, pois nosso professor de educação física iniciava as aulas às seis e meia da manhã, quase madrugada escura. A aula de ginástica era na histórica quadra cimentada do IETC, onde o basquete francano encontrou seu rumo pelas mãos e inteligência do professor Pedroca, que descobriu e lapidou grandes jogadores como Hélio Rubens e Fausto. Era duro levantar cedo, mas o apito do trem que ainda passava pela cidade era o sinal que não adiantava ficar enrolando nos lençóis quentes. Ocupava todo meu tempo. Após as aulas pela manhã, trabalhava à tarde num armazém de couros do meu pai, fazia desenho técnico na Escola Industrial à noite e, aos sábados à tarde, estudava desenho artístico com a dona Olina Gosuen após ouvir música, muita música, especialmente o “Álbum Branco” dos Beatles.

As ruas da cidade, com uns 70 mil habitantes, ainda eram calçadas com o mesmo paralelepípedo encontrado nas ruas do Quartier Latin em Paris, usadas para erguer barricadas e para jogar na polícia que tentava reprimir a revolta de estudantes, trabalhadores e sindicalistas contra o establishment, com uma pauta que abrangia cada vez mais coisas: permissão para visitar a ala feminina dos dormitórios estudantis nas universidades, fora De Gaulle, abaixo o capitalismo, é proibido proibir, fim da guerra do Vietnã.

No início de abril, pouco antes da revolta francesa, uma passeata de estudantes francanos tomou as ruas da região central, liderada pelos estudantes da Faculdade de Filosofia (com direito a discursos da Dirce Faggioni, Chiachiri, Odorico Silva, Reny Parzewiski, Paulo Azevedo (conhecido como Paulinho Subversivo - ver PS) e da ex-miss Sônia Leonetti para protestar contra a morte do estudante Edson Luiz no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro (morto a queima-roupa por um tiro disparado por um policial no dia 28 de março), que deflagrou uma revolta contra a violência da ditadura militar. O enterro de Edson Luiz marcou um período de grandes protestos de rua, que culminou com a Passeata dos Cem Mil em 26 de junho, no Rio. A música "Menino", de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, foi composta em homenagem a Edson Luiz, um jovem paraense que tinha ido para o Rio estudar e que trabalhava para se manter. A famosa “Coração de Estudante” teve a letra de Milton inspirada também em Edson Luiz. Tinha quase a minha idade quando foi assassinado pela repressão.

Em Franca, foi uma passeata consentida pela polícia, silenciosa, os estudantes portavam cartazes, tarjas pretas, alguns com mordanças, talvez o derradeiro protesto público em Franca antes de começar a longa noite da ditadura, cinquenta anos atrás. Meus irmãos participaram, mas eu assisti de longe sem entender bem o que se passava, era um “alienado” que vivia ainda em total ignorância política. Hoje sei que ignorância é a daqueles que defendem a volta dos militares (inclusive alguns reacionários ex-colegas do IETC), principalmente após a revelação de documentos da CIA que comprovam que os ditadores militares Médici, Geisel e Figueiredo mandavam matar os “subversivos”, considerados todos aqueles que se opunham ao governo autoritário. 1968 acabou mesmo?

Mauro Ferreira é arquiteto

P.S. Paulo Azevedo virou sindicalista e foi presidente do Sindicato dos Metroviários de SP. Sua militância política começou quando ele estudava Direito em Franca. Ao saber que a polícia da ditadura fazia incursões pela região, Azevedo fugiu para São Paulo. Participou das organizações revolucionárias Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (Var-Palmares), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e Ação Libertadora Nacional (ALN). Perseguido pela feroz repressão do início dos anos 70, exilou-se no Chile. Quando voltou ao Brasil, influenciado pela experiência no exílio, Azevedo foi trabalhar na Glasslite, uma indústria de plásticos no bairro da Mooca, em São Paulo. Depois, trabalhou na fábrica de eletrodomésticos Arno, também na Mooca; na Volkswagen, em São Bernardo do Campo (SP); e na antiga montadora de veículos Vemag, no Ipiranga. Atraído por um anúncio de emprego no Metrô, fez o teste, passou e foi trabalhar como supervisor de estação em 1975, logo tornou-se sindicalista e, posteriormente filiou-se ao PT.